



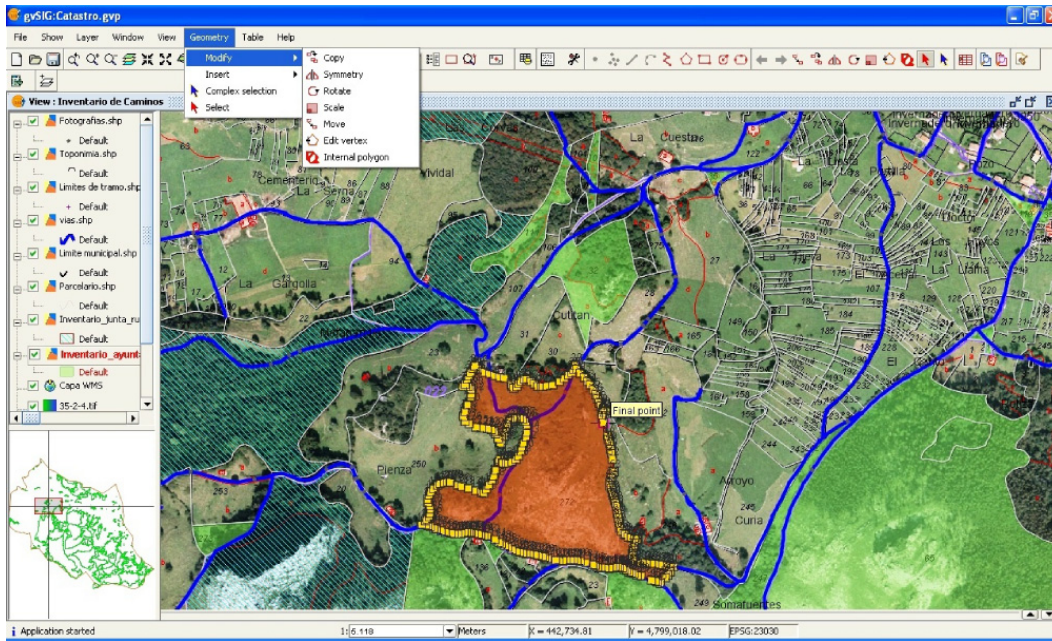
Boletim Informativo do Curso de Geografia da
Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC
Ilhéus-BA - Ano IX - Nº 16 - ABR/MAI - 2009

INFORME GEOGRÁFICO

ISSN 1982-8039



O SIG na escola: aspectos positivos e negativos



Heibe Santana da Silva*
Mikaele do Nascimento Campos*
Ednice de Oliveira Fontes**

dores de graça.

Contudo, o Estado também pode fazer a aquisição de softwares através de editais de projetos educacionais lançados pelas agências de fomento à pesquisa. Outra solução poderia ser a parceria da iniciativa privada com as escolas, através de programas de compensação e/ou responsabilidade social. Pode-se ainda pensar em uma parceria entre as Universidades públicas e as escolas das rede Estadual e Municipal que disponham de equipamentos e profissionais habilitados para ajudarem os alunos.

Por fim, considera-se o uso do SIG como ferramenta auxiliar ao ensino de geografia e de outras disciplinas nas escolas é relevante, na medida em que, este ajuda na construção de conhecimento de alunos e professores. Estes aplicativos podem ser uma das chaves para a diversificação do ensino da Ciência Geográfica, que auxiliará o aluno no seu dia-a-dia.

*Alunos do 5º Semestre do Curso de Licenciatura em Geografia pela UESC
Professora Doutora do Curso de Licenciatura em Geografia da UESC

Com o avanço tecnológico ocorrido nos últimos anos, é de extrema importância que o professor de Geografia use as novidades existentes no Sistema de Informações Geográficas (SIG), tentando aplicá-lo como um instrumento de ensino auxiliar ao processo de ensino/aprendizagem. Esse sistema tem grande potencialidade para o ensino e pode ser explorado de forma ampla e diversificado. No Brasil, o SIG é uma ferramenta muito pouco usada pelas escolas públicas, pois, em muitas escolas ou falta o profissional habilitado na área ou não tem laboratório de informática para uso dos alunos conectado a internet. Porém, nos países desenvolvidos esses dispositivos são bastante difundidos no ensino público.

Dentre os aspectos positivos que o uso do SIG pode proporcionar aos alunos, está o entendimento de temas complexos como o estudo dos aspectos físicos dos lugares (biodiversidade, ecossistemas, clima, geologia, oceano, nível de desmatamento, e outros). Outro aspecto positivo diz respeito à construção do conhecimento que pode se dá com a ajuda do SIG nas diversas escalas geográficas, desde o local até o global.

Em experiência recente com alunos do ensino fundamental que visitaram o laboratório de informática do Curso de Geografia da UESC, pode-se perceber o encantamento dos alunos com esta ferramenta, que na oportunidade foi mostrada em seu uso mais simplificado, ou seja, com o auxílio do Google Earth. Além disso, é de extrema importância ressal-

tar que o SIG vem sendo cada vez mais usado nas grandes empresas e que, desta forma, o uso destes aplicativos na escola proporcionaria ao aluno uma maior possibilidade de entrada no mercado de trabalho.

Segundo Braus (2004), “as principais barreiras identificadas ao uso generalizado do SIG é o desconforto que os computadores geram em alguns professores.” Assim, é muito importante que haja a sensibilização dos docentes para que os mesmos possam fazer uso das diversas ferramentas existentes. Outro problema negativo é a falta de infra-estrutura existente nas escolas, a falta de profissionais habilitados e o alto custo dos programas. Ainda vale lembrar que existem programas disponíveis para serem usados na rede mundial de computa-

Referência Bibliográfica
Braus, P.; 1998; ABCs of GIS; http://directionismag.com/features.php?features_id=6 < em 06/01/08> www.esri.com < em 06 de jan de 08> <http://www.gasbrasil.com.br/noticia/noticia.asp?NotCodNot=23626> < 06 de janeiro de 2008>



NOTAS NOTAS NOTAS NOTAS NOTAS NOTAS NOTAS

VI ACAMPAMENTO GEOGRÁFICO

Realizado entre os dias 28 e 29 de março no Camping e Pousada “Tô de Férias”, na rodovia Ilhéus/Una, o VI Acampamento Geográfico. O evento se constituiu em mais um momento de integração entre calouros e veteranos, e teve a organização dos estudantes e o total respaldo do Colegiado de Geografia, com o objetivo de proporcionar um momento de troca de experiências, cujos resultados são a integração de estudantes e professores e o fortalecimento do curso.

O entusiasmo e a alegria foram os principais componentes deste evento que contou com a presença de setenta e cinco estudantes entre licenciandos e bacharelados. Esperamos que a cada edição o Acampamento Geográfico possa se consagrar cada vez mais entre os estudantes e professores do curso.

Que venha o VII Acampamento!

I SEMINÁRIO DE TURISMO E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: valorizando o patrimônio em benefício do turismo

No último dia 20, em Ilhéus, o Curso de Capacitação Profissional em Turismo, do Projeto Juventude Cidadã (gerido pelo MTE / SETRE, e executado pelo PEV) realizou o I Seminário de Turismo e Educação Patrimonial, como o tema “valorizando o patrimônio em benefício do turismo”, em parceria com o Programa de Mestrado em Cultura e Turismo (UESC). Através de palestras: “Planejamento Sustentável do Turismo” (Prof. Dr. Natanael Reis Bomfim), “Educação e Cidadania” (Profª MSc. Arlete Vieira da Silva e Prof. Saulo Rondinelli Xavier da Silva), “Meu passado reflete em meu presente: uma análise sobre a preservação do Patrimônio Cultural de Ilhéus” (Prof. Dr. André Rosa Ribeiro), e “Crescendo e desenvolvendo com o Projeto Juventude Cidadã” (Prof. Ubinam Mendes Coelho), o evento propôs trazer discussões sobre o papel da Educação Patrimonial no desenvolvimento do espírito de cidadania e do sentimento de pertença, essenciais para a manutenção do Turismo Cultural.

III SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO GEOAMBIENTAL: saúde, meio ambiente e sustentabilidade

O Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães de Ipiáu (BA) organiza todos os anos desde 2007 o Seminário de Educação Geoambiental em parceria com diversas organizações e entidades relacionadas ao ensino. Trata-se de um evento que aborda, em cada edição, um tema específico da atividade humana sobre o meio ambiente em torno do qual são desenvolvidas as palestras, mesas-redondas e mini-cursos.

Em 2009, oficializa-se uma parceria que mantém o Seminário de Educação Geoambiental um evento público-privado, de responsabilidade conjunta entre o Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães de Ipiáu e o Instituto Brasileiro de Educação, Cultura e Turismo - IBEC. Em sua III edição, dentre outros assuntos serão abordados: os impactos ambientais, as vulnerabilidades atuais e futuras dos ecossistemas, das aglomerações urbanas, do setor rural, das atividades econômicas e das relações humanas com seu meio físico, e a adaptação, onde serão apresentadas e discutidas as ações dos projetos de mitigação, as mudanças de paradigmas, tecnologias e modelos de desenvolvimento, e padrões de consumo necessários para a solução do desafio global.

O evento acontecerá durante a primeira semana do mês de junho e faz parte da programação da “Semana de Meio Ambiente”.

INFORME GEOGRÁFICO

Boletim Informativo do Curso de Geografia – UESC

INFORME GEOGRÁFICO - ISSN 1982-8039

Ilhéus. Ano IX, nº 16 – abril e maio de 2009

Blog: www.informegeografico.blogspot.com - E-mail: informegeografico@gmail.com

Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC

Rodovia Ilhéus/Itabuna, km 16. CEP: 45.662-000 - Ilhéus - Bahia - Brasil

Comissão Editorial:

Alan Azevedo Pereira dos Santos (alansantos_18@hotmail.com)

Evilânia Bento da Cunha (evilaniageo@yahoo.com.br)

Greiziene Araújo Queiroz (greiziene@hotmail.com)

Jorman dos Santos (jorman@bol.com.br)

Liliane Matos Goes (goes.liliane@yahoo.com.br)

Saulo Rondinelli Xavier da Silva (geoilheus@hotmail.com)

Colaboradores:

Ingrid Emmanuele Vieira Santos (lelinha28@hotmail.com)

Reinaldo Martins Lemos (reilemos@bol.com.br)

Projeto Gráfico / Diagramação:

Marcos Maurício (www.marcosmauricio.blogspot.com)

Impressão: Gráfica da UESC

Os artigos/textos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores, não refletindo, necessariamente, a opinião do BIG.

Consulte as normas de submissão em nosso Blog. www.informegeografico.blogspot.com

VI EBEGEO

Será realizado, entre os dias 2 e 5 de julho de 2009, o VI EBEGEO, na cidade de Santo Antonio de Jesus, no campus da UNEB V. A temática do encontro será: “Da Análise Sócio-Espacial do Recôncavo a Uma Abordagem Geográfica da Bahia”.

ELEITO NOVO DAGEO-MaCRO

Após duas Assembléias Gerais realizadas nos dias 03 e 04 de abril de 2009 (nos turnos matutino e noturno), foi eleita a chapa única (GEOGRAFIA PARTICIPATIVA), para compor o novo Diretório Acadêmico, entidade representativa dos estudantes de Geografia da UESC. Eis a atual composição do D.A:

Presidente: **Alan Azevedo P. dos Santos**
 Vice-Presidente: **Meire Lúcia Conceição Santos**
 Secretário: **Heibe Santana da Silva**
 Diretoria Financeira: **Fabrcio Marcondes**
Cristiano Marcelo Pereira de Souza
 Dir. Imprensa: **Adriano Caribe Cardim**
Hilena Oliveira Miranda
 Dir. Esporte e Cultura: **Glauber Cassimiro Santos Guirra**
Rodrigo Teixeira Gesteira

A aventura do conhecimento: os selos postais e o ensino de Geografia

Alguns de nós temos com os selos postais uma relação pragmática e limitada. Nós os colamos nos envelopes e pronto - esquecemos. No entanto, para muita gente, selos representam uma fonte inesgotável de pesquisa, que expressam por meio da arte a aventura do conhecimento, além de proporcionar entretenimento e cultura.

O Brasil foi o segundo país do mundo e o primeiro das Américas a adotar o selo postal, trajetória que remonta ao Período Imperial, mais especificamente ao ano de 1843. Ao longo de mais de um século de pro-

ao despertar a consciência da população para o potencial turístico e científico de nossos recursos naturais". É pensando em toda essa riqueza de temas, que reconhecemos nos selos postais um recurso potencializado para a interpretação do espaço, da cultura e história do nosso país revelando uma miríade de possibilidades de estudo dos seus conteúdos, sobretudo aqueles relacionados a temas clássicos da Geografia.

mais elevados, tornando dinâmico o processo de ensino e aprendizagem.

É importante entender os selos como uma representação simbólica da realidade, que, todavia não é o espelho fiel dessa realidade. Pois, como muito bem explicitou David Scott

*Alan Azevedo Pereira dos Santos**
*Igor Venceslau Freitas**

(1995), o selo postal possui uma densidade de concentração ideológica por polegada quadrada maior do que qualquer outra forma de cultura humana, logo estes não podem ser aceitos imediatamente como representações fiéis do espaço geográfico e de suas relações. Os selos postais são uma possibilidade de investigação e descoberta que promete frutos na medida em que se busca sistematizar suas informações e decifrar os seus conteúdos.

A variedade temática de ilustrações dos selos postais é tão múltipla quanto suas possibilidades de leitura. Eis alguns temas escolhidos nas triagens anuais dos Correios que podem tornar as aulas de Geografia muito mais interessantes: cidades, comércio exterior, cultura,

meio ambiente (biomas, fauna e flora, reciclagem, recursos hídricos, entre outros) migrações, recursos energéticos e minerais, relações internacionais, transporte e telecomunicações, turismo, etc. Os selos podem ser adquiridos em uma agência dos Correios ou através do endereço eletrônico <http://www.correios.com.br/selos>, onde estão disponíveis para download todas as emissões dos últimos doze anos, além de informações como locais de lançamento e uma breve apresentação do tema abordado.

Todos os meses, novos selos são lançados no Brasil, desafiando o professor a utilizá-los como recursos didáticos de forma a sair da rotina, diminuindo a mentalidade de que a Geografia se decora e não se aprende, pois somente à alegria da experiência que promove a descoberta.

**Estudantes do Curso de Geografia (UESC)*



dução postal, o país já produziu mais de 4.000 estampas, dotadas de qualidade e criatividade superiores. Alguns selos são verdadeiras obras de arte em miniatura, trazendo imagens da riqueza étnica, física e cultural de nosso país: sua história, paisagens, costumes, monumentos, fauna, flora.

Para os Correios (2008), os selos desempenham "um papel crucial na preservação da nossa herança natural,

Repletos de conceitos e conteúdos a serem decifrados, os selos são pontos-de-partida, funcionando como um dispositivo, despertando a curiosidade dos alunos para além da imagem representada. Pois a informação visual, para ser realmente compreendida, requer uma prévia aprendizagem. Ela não é nem natural nem espontânea porque possui uma linguagem própria que precisa ser apreendida. Dessa forma o professor terá a oportunidade de encontrar caminhos para trabalhar com o conhecimento repleto de conceitos espontâneos e direcioná-los a patamares





O PAPEL DO ESTADO NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO CAPITALISTA

Alan Azevedo Pereira dos Santos*
Igor Venceslau Freitas*

Para o geógrafo Roberto Lobato Corrêa, o espaço urbano capitalista é um produto social, resultado de ações acumuladas através do tempo, e engendradas por agentes concretos que produzem e consomem espaço. Nesta perspectiva o urbano torna-se, portanto, palco e objeto de disputas entre esses agentes que criam estratégias e ações, contribuindo no fazer, desfazer e refazer da cidade.

Trata-se de intencionalidades precisas, empenhadas sobre o espaço urbano, por diferentes agentes modeladores, os proprietários dos meios de produção externos e internos; os promotores imobiliários; os proprietários fundiários; o Estado e os grupos sociais excluídos. A ação desses agentes é complexa, derivando da dinâmica de capital, das necessidades mutáveis de reprodução das relações de produção e dos conflitos de classe que dela emergem como bem explicitou Corrêa (2002). É na tentativa de responder como atua e quais estratégias e ações concretas desempenha o Estado no processo de fazer e refazer a cidade, que se estrutura esse breve artigo.

A participação do Estado na produção do espaço urbano se dá de forma bem extensa, haja vista as diversas atuações desse agente na sociedade. Para Ljokine (1997, p. 189), o papel do Estado na urbanização capitalista é o de um instrumento de “regulação” social. Para isso, este interfere estabelecendo ou influenciando, através de seus planos diretores ou qual seja outra forma, a localização das atividades industriais e “terciárias”. Além agir no controle de localização dos diferentes tipos de habitação e na localização dos meios de consumo.

Uma observação também necessária refere-se ao fato do Estado atuar diretamente como grande industrial, consumidor de espaço e de localizações específicas, proprietário fundiário e promotor imobiliário, sem deixar de

ser também um agente de regulação do uso do solo e o alvo dos chamados movimentos sociais urbanos como fundamentou Corrêa (2003). Essas novas funções urbanas assumidas pelo Estado devem-se as grandes mudanças estruturais, econômicas, políticas e populacionais ocorridas durante o século XX.

Neste contexto capitalista o Estado é também um legitimador da segregação socioespacial, atuando como agente na valorização de áreas. Isso fica evidente quando observamos os projetos de revitalização de áreas realizadas pelo Estado, que na verdade não passam de uma estratégia para “forçar”, a população mais pobre a retirar-se dos lugares onde residem devido ao aumento do IPTU, tendo com isso, que migrar para áreas mais longínquas. O resultado dessas medidas revela que a população carente não pode usufruir das melhorias feitas em seu local de morada, pois elas tiveram que dar espaço à pessoas mais privilegiadas, para se beneficiarem da área.

Vale salientar que a ação do Estado processa-se em três níveis político-administrativos e espaciais: federal, estadual e municipal. A cada um destes níveis sua atuação muda, assim como o discurso que encobre os interesses dominantes. Dessa forma a hegemonia da classe capitalista é renovada através dos efeitos da força normatizadora da intervenção estatal no espaço.

Como visto o Estado tem um papel importantíssimo no processo de produção do espaço urbano, uma vez que as suas ações não ocorrem de modo aleatório, há algo mais, um lado estratégico e político de grande importância, pois não é uma produção qualquer; acrescenta algo decisivo a esta, visto que é também reprodução das relações de produção.

*Estudantes do Curso de Geografia (UESC)

O ESPAÇO GEOGRÁFICO NOS “NOVOS TEMPOS GLOBAIS”

Paulo Aguiar*

Primeiramente cabe-nos salientar que em cada momento histórico os grupos sociais construíram seu espaço geográfico conforme sua cultura, conforme o grau de conhecimento e desenvolvimento técnico-cultural ao qual tinham alcançado.

Nos primórdios da humanidade, quando o desenvolvimento técnico-cultural ainda era ínfimo, tínhamos uma quase que insignificante atuação humana sobre o meio, propiciando que se tivesse um amplo predomínio dos elementos da natureza. Dessa forma o meio natural assumia um papel místico, influenciando diretamente as ações e concepções humanas.

Não obstante, com o decorrer do tempo o conhecimento foi se desenvolvendo, conforme o ser humano foi melhor conhecendo e compreendendo o meio ao seu entorno, permitindo dessa forma que uma atuação cada vez maior do homem sobre a natureza fosse sendo efetivada. É essa atuação humana sobre a natureza, através do trabalho, construindo a partir daí um ambiente e um estilo de vida que lhe é peculiar, que transforma o meio natural em espaço geográfico – pois o espaço geográfico é um produto da cultura humana.

Contudo, os vários grupos sociais espalhados pela superfície da terra não alcançaram o mesmo grau de desenvolvimento técnico-cultural, isso em função de diferentes fatores, como, por exemplo, em função da diferenciação de condições ambientais das áreas geográficas em que viviam, dos tipos de recursos naturais disponíveis para eles, questões de conflitos entre grupos, ou mesmo conflitos internos, ou ao tipo de estrutura social, isolamento de determinados grupos, etc.

Ainda hoje, sobre a superfície da terra observa-se uma diferenciação de desenvolvimento técnico-cultural entre os diferentes grupos sociais (as diferentes sociedades humanas). Sendo que, a despeito disso, a sociedade industrial capitalista assume a primazia em nível mundial, haja vista o processo da globalização dessa economia. E outras sociedades também são influenciadas pelo capitalismo globalizante, quer seja sendo alvos da intencionalidade do capital, ou mesmo sendo excluídas pela razão que norteia o sistema.

No presente período, o espaço geográfico (urbano e rural) passa a ser norteado por uma razão – a razão do capital – e essa razão do capital acaba configurando a formação ideológica de um momento planetário para o espaço geográfico e para a sociedade humana que pode ser caracterizado como sendo ao mesmo tempo singular e plural. O presen-

te momento pode ser caracterizado como sendo singular porque ele se configura pela formação de um mundo único em função do processo da globalização da economia capitalista, mundialização da cultura dominante e dos valores liberais. Mas, ao mesmo tempo esse momento também se caracteriza por ser plural, porque esse mundo único que foi criado está fragmentado em partes (os diversos lugares e suas peculiaridades sócio-culturais), e essas partes possuem especificidades que as diferenciam.

Consubstanciado a essa realidade global, os espaços geográficos (cidade-campo), passam a assumir novos contornos, novos sentidos, novas funcionalidades e um processo de hierarquização e seletividade espacial.

As múltiplas funções levadas a efeito dentro do espaço geográfico, sobrepondo-se ou mesmo substituindo antigas funções, conferem ao espaço geográfico uma realidade que muitas vezes se torna “incompreendida” pelo cidadão comum – sobretudo em uma grande metrópole como São Paulo. Contudo, em uma pequena cidade como Canavieiras (BA), as transformações funcionais se dão de forma lenta, sendo, por conseguinte, menos complicada sua compreensão por parte do cidadão. Mas em ambos os casos, essas funções já surgem conectadas a uma razão maior globalizante.

A compreensão do espaço geográfico e sua funcionalidade se constituem em fatores de fundamental importância, tanto para as questões políticas de planejamento, de ações e relações de poder, para a atuação do capital, quanto de vivência e sobrevivência no mesmo.

Sendo assim, a compreensão da funcionalidade do espaço geográfico (cidade-campo), quer seja em suas funções internas, quer seja em suas funções hierárquicas regionais, ou mesmo em suas conexões em redes, em outras escalas geográficas, acaba por ser um fator de substancial importância, pois os “novos tempos globais” requerem sua interpretação, compreensão e explicação, tanto para que se possa agir sobre o espaço, quer seja enquanto gestor político, ou mesmo para se viver e sobreviver às novas realidades impostas sobre o mesmo, como meio de não se viver à margem da compreensão da razão hegemônica superior que comanda esse espaço, e de não se colocar à margem da possibilidade de, enquanto cidadão, agir efetivamente sobre o mesmo.

*Professor/geógrafo, mestrando em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional pela UESC e membro da Academia de letras e Artes de Canavieiras (ALAC). E-mail: prof.pauloaguiar@bol.com.br

